

Semanario de caricaturas e humorístico

Propriedade da Empresa do Jornal O ZÉ

DIRECTOR E EDITOR

ESTEVAO DE CARVALHO

CARICATURISTA

SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR

RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES

Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL

28, Rua da Concelção da Gloria (á Av. nida), 40



SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO» Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º—Lisboa

O Dente do reconhecimento



O João — Custou mas saiu!...
 O Zé — De tanta demora já estava a apodrecer...

D. Maria do Carmo Xavier Braga

«O Zé» envia d'este modo ao sabio que foi o presidente do primeiro governo da Republica a expressão sincera do seu pesar, pela morte de sua extrema esposa.

Fitas batidas

Se ao principio causou admiração em alguém que um revoltado ousasse afirmar que a republica metterá as perninhas pelo mesmo caminho que a monarchia trilhara, hoje já ninguém se admira.

E já ninguém se admira, não só porque o ouve afirmar em toda a parte, como tambem (e isto é o mais vergonhoso!) porque é verdade!

E' triste!

Ohem, que isto chega quasi a dar vontade de a gente fazer como os thalassas... se tivéssemos a massa que elles nos roubaram enquanto podiam fazer as malas e desandar d'aqui para fóra.

Sim, desandar porque ao menos lá fóra não nos andavam sempre a chatear com a lèria do patriotismo, nem nos cravariam com dez tostões para as illuminações, e mais cinco para os reservistas, e mais cinco para a divida publica, etc., etc.

E por cima d'isto tudo, mais uma estampilha obrigatoria em certos dias do anno para a assistencia.

Quer dizer, a assistencia tem que ser paga pelo Povinho. Elles é que não pagam nada! Estão-se nas unhas...

Então, para que serve o Estado? Nós pagamos ao Estado para quê? Para ainda por cima pagarmos aquillo que elles deviam pagar?

Então o Estado arvora-se em protector da humanidade, sugam nos todos bem sugados com esse pretexto, e quando quer tornar a realisar essa protecção ainda nos vem atirar com tributos e somos nós que temos que pagar?

Isto é, simplesmente pyramidal!

E depois o orçamento, ohem o orçamento...

Que não se pôde apresentar sem «deficit», dizem elles!

Não se pôde apresentar sem «deficit»! Acaso fizeram todo o possivel para lhe reduzir as despezas?

Isso fizeram elles que foram curiosos!

Massas reduzidas e sacrificios só ia para baixo, para o Zé, massas gratidas, augmentos, subsidios, commissões, etc., isso lá para as alturas lá para elles!

Ohem aquella série tremenda de subsidios...

Até a heroes!

A heroes que tinham a restricta obrigação de nada aceitar, heroes que se foram para ali defender o Povo, nada deviam aceitar do Governo, porque o Estado não dá o que é d'elle, mas sim o que é do miserio Povo.

Mas que querem vocês?!...

Elle havia menino lá na Rotunda que em vez de ir para as barreiras onde devia estar, andava por todos os cantos á procura do sr. Fulano, para lhe passar um attes tadol!

E, meninos, quanta creatura lá esteve que se bateu como um leão, que não exigiu attestado nem appareceu a reclamar emprego...

Esses é que foram os verdadeiros, os obscuros, os ignorados heroes!

E no entanto os nichos estão cheios de heroes. Foi a economia que a Republica fez: anichar os valentes que assim o exigiram, como os saltadores depois de dependerem a victima, vão exigir a paga a quem os aliciou.

Isto é triste! Isto é vergonhoso!

Aos operarios que se agitam em greves, mandam lhe a forca para cima, porque estiveram muitos annos explorados e roubados e por isso tambem o podem estar agora, e elles, elles então, que andaram durante annos prégando desinteressadamente (como diziam) não se puderam sustentar uns tempositos que não se deixassem a augmentar os ordenados, a criar commissões e subsidios, a roer, enfim, no queijo do orçamento; como faziam os da defuncta monarchia!

E' que elles não tiveram mesmo tempo nenhum...

Vinham com uma pressa!...

F. S. pergunta pela Cooperativa dos Auto Omnibus.

A gente sabe lá onde ella pára!... Desde que rebentou a bexiga, nunca mais tivemos noticias suas. Mas naturalmente dorme. Dorme, que o dormir é a qualidade mais natural do Povinho portuguez, principalmente depois que penetrou na alcova perfumada d'essa tal senhora nova.

Quer dizer, quando devia arregalar o olho e não o pregar mais durante toda a noite negra da sua existencia de pelintra, é que o «massarongo» péga a dormir que nem um suino de quatorze arrobas...

Mas não queremos saber, fez a republica!

Aquella perdida, aquella desavergonhada da monarchia ainda assim tinha uma coisa boa. Só ella era capaz de fazer o pagode reflão!

O Povinho andava sempre alerta, a Camara berrava que nem uma desalmada, e a Auto Omnibus vinha para a rua sem medo, como d'aquella vez que lhe prenderam um «chauffeur».

Agora, viu esta senhora, o Povinho deixou-se untar e enrolar, na sua maioria, com o azeite mais barato, e prantou-se a dormir, a Camara idem, e a Cooperativa ibidem na mesma data!

Só quem não prega olho é a de Santo Amaro; o mais, está tudo com a doença do somno!

A' direcção do Jardim Zoologico recomendamos a acquisição d'um animal que tivemos occasião de ver ha dias.

E' um bicho interessante, com todas as qualidades proprias d'um grande bruto embora coxeie um pouco d'uma das pernas. Mas é isto mesmo que lhe dá mais graça. Aquella perna garota foi castigo do diabo para que lhe ficasse mesmo a matar.

Este exemplar feroz encontra-se em exposição do Jardim da Estrella onde a Camara o collocou no logar de guarda diurno, certamente por engano, pois a nosso ver o logar que de justiça lhe cabe é nas jaulas dos animais ferozes do Parque das Larangeiras.

Não se esqueçam do bruto, que elle, se continuá a solta, dá em doído.

Ao sr. ministro do fomento queixaram-se os carroceiros, dos patrões que faltavam aos compromissos tomados solemne-

mente quando se resolveu a grève da sua classe.

E coincidindo com esta queixa temos nós a noticia n'um jornal burguez de que uns grévistas ruraes haviam perdido, por causa das suas exigencias, a sympathia publica.

Esta é de cabo de esquadra. Os patrões com as suas imposições, e desrespeitos pelas garantias são quasi sempre, como n'este caso dos carroceiros podiam ser, os fomentadores das gréves, e quem perde a sympathia publica são os grévistas, os explorados.

E' que a maioria do Povinho que nega a sympathia aos seus irmãos, esta ainda tão atrasado, diga-se mesmo tão aselvajado, que não sabe ainda que só aos seus irmãos deve dar toda a sua sympathia, só com elles deve collaborar para a sua emancipação, só a elles se deve unir, só a elles deve amar primeiro que a ninguém.

Mas que querem?! Quanto «cidadão patriota» quanto senhor republicano, voluntario e carbonario que se julga muito senhor do seu nariz, quanto patriota d'esta força ha, que não pôde levar a paciencia que sejam os operarios os arbitadores das suas fèrias e das suas regalias.

Para contrastar concebem perfeitamente e admittem do melhor grado que os senhores deputados, dando o exemplo ao povo, arbitrem os seus ordenados, decretem as suas licenças, regulem as suas horas de conversação parlamentar em familia, e deem a elles proprios as melhores liberdades e regalias!

Ha tanto vaidoso entufado com a pinha cheia de teias de aranha!...

VIU-SE GREGO.

O MUNDO

Passou no dia 16 o 11.º anniversario d'este nosso intemerato collega, a quem nós liga velhos laços de amizade.

D'aquí lhe enviamos as nossas felicitações, acompanhadas do desejo que o grande campeão continue a «campear» in-fre-ne, durante bastantissimos annos.

Telegramma de saudação

Do Ex.^{mo} Sr. D. Gustavo Gimenez, illustre vereador republicano de Malaga e grande amigo de Portugal recebeu o nosso collega Eurico Zuzarte um telegramma de felicitações pelo reconhecimento do novo regimen pelas potencias.

O nosso camarada immediatamente respondeu agradecendo mais esta prova de estima que o nosso correligionario de alem fronteira dera pelo nosso paiz.

Acaba de sair:

Homenagem ao

Em magnifico papel couchet—Preço 60 réis.

Presidente da Republica

Dr. Manuel d'Arriaga

ASSIM VAMOS MAL

Sem duvida, que o povo portuguez tão devotado como é á politica, não desconhece este anathema—**Assim vamos mal!** Lançando ao conhecimento do orbe, pelo órgão do illustre estadista que teve a seu cargo a pasta da justiça; nenhum povo nos egual, tal é a nossa excentricidade; embora, sejamos, em materia de cultura o que bem se sabe, rara é a creatura, que com desusado ardor não discuta, não critique essa politiquice ríles que por ahí vamos arrastar-se com esse cortejo de vergonhas e de ridículos que tanto nos deprime e avilta; e são, digamos em nome da verdade—o verdadeiro senão o unico mal de que enferma a familia portugueza.

Que deriam os snobs os peniqueros de certos paladinos que embora se esfalfem em pregar de democracia por todos os lados e cantos do paiz, não passam d'uns Cezares de gravata encarnada se, tivéssemos a onsalia de dizer aqui—**assim, vamos mal!** Como foi o órgão que se diz orientador da multidão, o órgão que a todo o momento prega a doutrina da sublime triologia—Liberdade, Igualdade e Fraternidade mas, quando algem ou se discordar, argumentar ou pelo menos, debicar a sua **intangível** doutrina váe-lhe á prateleira do odio e da excomunhão parar acima da cabeça além da surda campanha da difamação! Ninguém onsoit reagir, ou lamentar pelo menos, que no momento historico mais crítico da nossa nacionalidade, no critico momento em que o mundo inteiro, tinha voltado para Portugal o oculo da analyse d'onde dependia a nossa consolidação, se escrevesse isto:

«O sr. dr. Bernardino Machado, como ministro dos negocios estrangeiros, fez, como se costuma dizer, um brilhante logar. Manteve o prestigio do pais perante as nações e conquistou o respeito e a consideração dos seus governos para a Republica acabada de sair de uma revolução. Não ha duvida alguma. Mas cometen um erro grave, para o qual, francamente, não encontramos desculpa ou justificação. Entre tantas convenções commerciaes que realizou, esqueceu-se de uma, a mais importante de todas para o nosso paiz:—uma convenção commercial de juizo com um paiz que tivesse muito, e ao qual, por consequente, não fizesse falta. Esse paiz davamos-nos juizo, e nós, em troca, davamos-lhe as pevides de abobora que germinam nas cabeças de muitos politicos que estão usando, na Republica, exactamente os mesmos processos governamentais da monarchia.»

Muito e muito bem:—quer dizer, até no regimen republicano não houve juizo; nota meu bem povo, não é o vulgar rabiscador que fo' diz-e o órgão da grande circunelacão democratica que te diz que aos estrangeiros, em troca de juizo, lhe davamos as pevides de abobora que germinam nas cabeças de muitos politicos.

Sabes Zé albarda, o que é o synonymo de politico? Não sabes, bem sei—mas para te provar, sem recorrer aos sortilheios mil que o ingenho humano nos faculto, sem a eloquencia da rhetorica e sem desfolhar-te petalas lindas para que me não aalunhos de nomes feios, vou dar-te mais um pedacinho d'ouro do celebre artigo subordinado ao—**assim, vamos mal!**

«Não quiz o «blóco» a cooperacão de tal comissão. E não quiz, porque não lhe convém que a torneira das graças pagas pelo snor e pela miseria do povo só se abra por necessidade absoluta de serviço publico ou de interesse nacional; quer ter a torneira ás ordens, para abri-la sempre que os appetes o reclamem. Segue-se, portanto, que ha quem queira que continuemos maus processos em materia de moralidade orcamental, dando assim nós o direito aos monarchicos de chamarem burlos aos republicanos; por estes, na opposição, bradarem contra os «deficits» ao passo que no poder procedem a favor d'elles. Pois deste modo vamos muito mal! O «blóco» abrindo escancaradamente as portas do «deficit», pratica um crime politico e economico para o qual não existe absolvição. Se o faz por simples politiquice, pelo simples desejo de combater as propostas da minoria democratica, maior fica ainda o seu crime, porque mais uma vez prova que, para hostilizar os elementos que constituem aquella minoria, não escrupulisa em sacrificarlhe os interesses mais vitais do povo e os direitos da moralidade politica da Republica.»

São elles com a eloquencia da sua propria doutrina, são elles ainda, que desarmando o diaphano manto da verdade, deixam a nu, a erú, a dureza da maior, da mais intangível verdade que conhecemos— a politica; é um charco onde, a dignidade, brio, pudor, valor e honra, se deturpa para triumphar o egoismo e a ambição! A politica, é uma comedia, um politico, um comediante de barba que desmentindo o velho adágio—homem sem barba não tem vergonha,—prova que o politico, é o mais perfeito emulo do comico de que nos resta a sabedoria das nações!

Já Nordau disse: o politico de profissão, é um

ser recrutado das mais inferiores camadas socias! Concordemos, que se não houvessem politicos— não existiria o Camaleão. Então, **assim, vamos mal!**

ABIEJNARAL

A CAPITAL

D'este nosso prezado collega, extrahimos o seguinte:

Principios civicos

Deveres do bom republicano

O bom cidadão da Republica:

Sacrifica-se pela Patria, pela Familia e pela Republica.

(Vidê ultima pagina de caricaturas.)

Exige a maxima honestidade na administração publica.

(No proximo numero caricatura allusiva).

Presta-se, de bom grado, a ser soldado, eleito, jurado, contribuinte.

Descobre-se perante os symbolos da Patria (a Bandeira, o Hymno e o Chefe do Estado).

Respeita as leis e as auctoridades.

Consagra as glorias e as datas nacionaes.

Divulga a instrucção e a verdade.

Ajuda a manter a ordem e a moral.

Trabalha e economisa para prosperidade sua e da Patria.

Vote todo que seja portuguez.

E' hospitaleiro para com os estrangeiros.

Exige uma justiça severa.

Não pede ao Estado nada de interesse pessoal.

Tem por religião o bem, o dever e o respeito.

Acompanha o progresso das mais nações.

Quer a defeza da Patria e das colonias assegurada.

Mantem o culto da honra politica e pessoal.

«O Zé» publicará em cada numero uma pagina allusiva (estás a vêr) aos deveres acima mencionados.

Entendido ...

Um profissional de coisas de armamento entende que se deve continuar a mandar vir a artilheria de fóra.

Pois claro! Então não se mandam vir os petizes de França? Assim como se manda vir a vida, tambem se póde mandar vir a morte...

NAO VENS?

(Desastre succedido ao auctor e ao Viu-se Grego)

Atraz d'ella seguia inebriado, Olhando-a, meigamente, com ternura. Tinha lhe visto o rosto delicado; Um modelo de graça e de candura.

Como desejaría ser amado Por essa diva virginal e pura... E seguindo-a de manso envergonhado, Phantasiava sonhos de ventura...

Parou a diva á montra do Mimoso, E elle aproveitando a occasião, Diz lhe a medo:—«Será feliz consigo

«Quem tenha o seu amor!... Será ditoso!» Responde ella:—«Não faças mabogaço! «São duas c'róas, filho... Vens commigo?»

LITRAS,

TEM GRAÇA?!

Lemos no «Mundo» o seguinte:

«A Associação da Imprensa está realizando festas no parque das Necessidades a favor do seu cofre de beneficencia. Uma coisa que nós não percebemos é como esta Associação, realizando frequentes festas, teve de suspender os seus subsidios. Ha tempos morreu um distincto jornalista profissional, e logo appareceram notas na imprensa de que a Associação de que aquelle fóra socio havia de subsidiar a sua velha mãe. Ao fim de algum tempo o pequeno subsidio foi effectivamente arbitrado. Mas não tardou que elle faltasse á pobre e velha senhora.»

Tem graça a forma sybilina como o nosso prezado collega diz quasi sempre as coisas; ora lá por casa sabe-se bem as causas e até demais, e, quando outras não conhecessem, bastaria a de muitos socios não pagarem as suas quotas. Parece que já não é pouco embaraço para uma direcção.

Vamos prezado collega, jogo franco e cartas na meza, é por causa dos mysterios que todos andam assim... tal como aquella historia dos grilos. Descance porque, tambem um dia se ha de fazer a negra historia da malfadada Associação da Imprensa, assim como, a de tantas impalas artes. Com tempo e habilidade tudo se consegue.

Moralidade da trama

Prega o moralista Caracoles que pela rua andam as prostitutas quasi nuas.

Pois nós temos visto nas ruas mais mulheres honradas quasi nuas, do que desgraçadas d'essas!

O demo são elles!

«A Lucta», «O Mundo», «O Intransigente» e «A Republica» não se fartam de gritar pela união do partido.

Ora se elles são inspirados pelas diversas fracções do partido «repartido» porque razão é que se não unem?

Ora o demonio são elles e mais a união!

O reconhecimento d'elles

Consummou-se afinal a contradança: O reconhecimento das nações. Tapando assim a bocca aos thalassões Que viam n'isto um souho de creança!

Em primeiro logar chegou a França E a seguir o paiz dos matulões; Depois a Italia, terra das canções— E logo a Hespanha, a patria da... folgança!

Ha vibrações phantasticas no espaço, Aperia-nos a estranja n'om abraço, Cheira tudo a foguetes e mais festas!

As patrias reconhecem offegantes E é tal a apothose, que os «paivantes» Reconheceram já... que são «mas bestias!»

E' mais portuguez

A casa Herold vem annunciando «superphosphato da magnifica marca ingleza; Gallo»...

Ora, francamente, não vale mais a pena dizer simplesmente—superphosphato marca Gallo?...

A SAIR BREVEMENTE:

Homenagem ao incansavel propagandista e grão mestre da maçonaria:

Em optimo papel couchet—Preço 50 réis.

Dr. Magalhães Lima

A ordem de despejo



A manada corajosa resiste à ordem batendo com os calcanhares no... sitio proprio

Do nosso collega Styl, recebemos a seguinte carta, que gostosamente publicamos:

Cidadão Director de «O Zé»

E' da tripeira invicta que lhe escrevi; e, por aqui me encontrar casualmente no dia em que se fizeram as ruidosas manifestações de jubilo pelo reconhecimento da nossa Republica não pude resistir a fazer um poquinho de reportagem, ainda que mal feita, para as columnas do nosso «Zé».

Lá vai: no dia 12 do corrente, á noite, houve musica na Praça de D. Pedro, illuminação no edificio da Camara, morteiros lançados ao ar, de diversos pontos da cidade, muita concorrência de povo, etc., enquanto na Praça da Batalha tambem se encontrava uma banda de musica, deliciando o povo que n'aquelle ponto se divertia buliosamente.

Na Praça de D. Pedro, ao contemplar todo aquelle movimento pensava eu, junto á estatua equestre d'aquelle que a historia pospamente chama o rei soldado, o seguinte: um povo congratula-se effesteja o facto das nações da Europa lhe reconhecerem e legalisarem, por isso, a existencia da sua nascente Republica, que já em 31 de janeiro de 1891 quizera tornar um facto! Mas, como todo aquelle quadro animado, da vasta praça do Porto me pareceu illogico! Porque desviando a vista da fachada do edificio da camara onde se via uma gambiarra com asfincias a fogo, R. P., em via ainda em plena praça, em bronze, o symbolo de uma dinastia que tanto nos ludibriou, vexou e roubou; ou por outra, o symbolo da tyrannia dos povos, universalmente fallado.

E' verdade que o cavallo parecia querer fugir d'aqui por naturalmente comprehender que já não eram festas realengas que se estavam realizando: festas a um rei imbecil e mystificador como por exemplo, aquelle, que ha bastantes annos lhe peza brutalmente sobre o dorso e outr'ora fora o verdugo e senhor d'um povo. Mas, o rei é que parecia sopeal-o n'uma attitude de mau humor. Parecia obstinar-se em ficar; e, até por delicadeza (porque aquelles bichos foram sempre muito deliados para com os seus subditos) querer levar o cavallo de recio até ao edificio dos Paços do Concelho para com a dextra offerecer novamente ao povo a tal carta constitucional, aquelle documento burla que foi a gazeta com que elle se serviu para «espetar» a pilha no throno de Portugal.

Na Praça da Batalha lá estava tambem o outro Pedro, com as «pantalonas» talvez um pouco largas, vamos, de olhar seismador; quem sabe, talvez, pensando ainda como a «canalha douada da córte o envenenou e a sua esposa, etc.; a mesma canalha que mais tarde chamou ao seu successor e sobrinho Carlos o rei martyrizado! Hypocritas!

Mas, voltando ás estatuas; dir-me-hão que são documentos historicos e architectonicos a artestear e affirmar o nosso passado e tradições? D'accordo. Mas, apõem-nos dos respectivos poleiros e levem-os não para um convento, mas, para um museu, onde poderão ser vistos a todo o tempo, mas, só por quem o desejar fazer, e colloqueira n'aquelles logares, por exemplo, uma estatua á Republica a affirmar a existencia do regimen, que um povo escolheu; a figura da Liberdade por quem tanto os portuenses soffreram e sacrificaram ou a figura do trabalho, um dos lemmas da nossa Republica.

Mas, se receíarem que os nossos vindouros nos venham a chamar tolos por havermos tido a maçada de arrearmos aquelles monstros d'all abaixo para os levarmos ainda para um museu, occupando espaço e representando capital paralizado, então reduzam tudo aquillo a vintens da Republica, porque ella bem precisa d'elles e eu creio que é d'aquelle massa que elles se fazem. E, se assim fór, lembrem-se que tambem lá está o duplicado do IV do Porto, ali no Roceo, muito mais alto, é certo; e, já alguém me disse que se elle subiu para tão alto foi com recio que o povo portuguez lhe escarrasse na cara.

Logo, assim como pode subir, melhor poderá descer! Vamos.

13-9-911.

STYL.

De Herodes para Pilatos

Vão muito adeantados os trabalhos a cargo do maestro Cruz Junior que, é o auctor da musica para esta nova revista dos srs. Frazão, Rodrigues e Braga, que nos dizem, fará successo visto tratar se d'uma produção fóra do vulgar. A revista, subirá brevemente á scena no theatro da Rua dos Condes.

(Prepotencia policial)

Este nosso querido companheiro de redacção foi surprehendido no seu domicilio por uma ordem de comparencia na judicaria a que promptamente acquiesceu.

Soube então o nosso amigo por que foi incommodado.

Alli, com apparencias de polidez, foi tratado como pessoa de baixa esfera, pois reduziram o seu depoimento a auto e informaram-se das suas opiniões politicas...

Creemos que esta perseguição a este nosso collega já se prolonga desde que elle faltou n'um comicio anarchista.

Fique a sr.^a Policia sabendo que elle é republicano dos vermelhos.

Parece que estamos na Turquia!...

E' sempre a presidir

Muita sorte tem aquelle sr. Braamcamp! Veiu para o partido hontem á noite e começou logo por presidir á Cambra do sr. Frontão, depois á dos deputados, depois ao Senado, agora á grande commissão de festejos e até o quizeram fazer presidente da Republica.

Nunca vimos gallo tão novo cá na caipoeira e já com tantos poleiros!



—Que o patife do orçamento Está muito rubujento.

—Que os «trunfos» socialistas Já andam jogando as cristas.

—Que tamanho socialismo

E' peor que um sinapismo!

—Que, se vão com esta voga,

Tudo aquillo dá em droga.

—Que o bispo e mais eminencias,

Já não tem fé nas potencias!

—Que o Zé, por mais que se ageite,

Não póde comprar azeite.

—Que, apesar d'esta desgraça,

P'ra foguetes 'inda ha massa!

—Que a «Lucta» impinge á nação

«Cantigas» até mais não!

—Que o povinho faz lhe figas,

Já não se fia em «cantigas»!

—Que n'este paiz «caliente»

Tudo canta, minha gente!...

O Cidadão

Subordinado a este titulo, acaba de se publicar em Evora, mais um jornal republicano.

Nunca é demais um jornal, pena é, que o nosso meio, não os receba como devia — e que a leitura em Portugal, é e será infelizmente um privilegio tal como nos tempos antigos — para «endinheirados».

Redigido pelo velho e ardoroso democrata dr. Evaristo Cutileiro, aquelle nosso amigo de tempos que passam e não voltam mais, com prazer recebemos a sua visita e muito prezamos em a retribuir.

—O' visinha foi á manifestação de ha oito dias?

—Fui, e a visinha?

—Tambem. Por signal que cheguei a casa estafada.

—Podéra! Uma caminhada d'aquellas! De potencia para potencia, toda a noite... Eu, com franqueza, é que não volto a manifestações...

—Demais a mais com riscos de ficarmos queimadas...

—Foi o que me aconteceu. Fiquei com a saia toda furada.

—Sabe de que gostei mais na terça feira?

—De que foi...

—Foi do Parreira a fallar francez, inglez, allemão, austriaco, grego, portuguez e brasileiro. Parecia que tinha tomado chá... de Parreira!

—Tambem gostei bastante!

—E olhe que não desgostei dos apertos.

—Para mim tambem foi a melhor recordação...

—Quer crer que levei todo o caminho um marujo atraz de mim?...

—Eu fui com meu marido. Não poudé fazer nada. Por signal que lhe succedeu um desastre...

—Succedeu?...

—Ja ficando com a cara n'um frangalho...

—Onde foi isso?

—Foi em frente d'um consulado.

—E elle ficou desconsolado, não?...

—Eu conto. Estavamos nós os dois, entusiasmados, cheios de tremelicoques cá por dentro, á olharmos para as janellas do consul, dando palmas, quando um magico se lembrou de deitar um foguete!

—E depois?

—As bombas não rebentaram todas em cima. Tres estoiraram cá em baixo. Uma d'ellas explodiu mesmo em cima d'um olho de meu marido. Calcule, visinha...

—E que lhe fez a bomba, coitadinho?

—Era tão grande que lhe rebentou o olho...

Couces, Couceiros e Coucistas

I
Estas palavras que servem De titulo a estes versos Todas tem igual raiz 'Inda que effeitos diversos...

II
A primeira significa «Patas trazeiras no ar» Em offensa bestial P'ra alguém ferir ou matar...

III
A segunda classifica Quem faz uso da primeira, P'ra quem gosta d'uns e d'outros Fica-se então na terceira.

IV
Ha tres graus nos conspirantes: «Couce, Couceiros, Coucistas»; Partem todos d'um principio: — Todos teem o mesmo em vistas...

CHAÇON SICILIANI.

ACABA DE SAIR:

Homenagem ao

Em magnifico papel couchét—Preço 60 réis.

PRESIDENTE DA REPUBLICA

Dr. Manuel d'Arriaga

O Zé na feira

Rotunda dos heroes, 18 de setembro

O illustres vereadores da Camara Municipal de Lisboa, então não haverá maneira de acabar com aquelle tremendo cheirete que, logo á entrada da feira, assalta as narinas delicadas do visitante?

Olhem que aquelle urinol é uma vergonha! Até faz fugir as pequenas!
Uma feira tirada das canellas como aquella é, assim á modo a armar em fina é um pantano d'aquelles a prejudicar-lhe a entrada triumphal e de fazer fugir a freguezia.
Só se é por o urinol ter sido heroe, ter estado... e estar ainda na rotunda, que se lhe permite que d'ente assim por fora, sem consideração por quem passa...
Isso agora é outra coisa.

Agua da Mina

A tia Anna do Grão

Casa de Pasto de primeira ordem. Retiro ao ar livre e gabinetes reservados

Quem quizer manjar's barato Venha á **Tia Anna do Grão** Onde encontra bellos pratos E' um vinho que... é um vinhão! E' tão grande maravilha Que até diz o Pantaleão, — E' onde o poeta Sevilha Vae buscar a inspiração.

Antiga Barraca das farturas

Não choram q'ridos leitores Não tenham melancholia, O Julio tem lá um vinho Que a todos dá alegria. Vão lá prova'lo vão lá Vão lá tomar-lhe as doguras! Não ver que outro não ha Pra acompanhar as farturas!

Maria Botas

Rua Central — Grande Restaurant

Eis a casa mais bonita, Mais alegre e mais ebibante, Restaurant todo catita Que o **Wenceslau** captivante A par co'a **Maria das Botas** Põe ao dispor dos janotas.

Ermida do Padre Antonio

O nectar mais encantado Que nós leva do demonio Tem-nó já vendá o **Machado** Na **Ermida do Padre Antonio**.

Adega da Figueira

Eis a barraca do Abel, Toda chic n'um pé só, Onde o vinho sabe a mel E a comida a pão de ló! E' alli onde o Francisco E mais a Dona Domingas, Vão comêr o seu petisco E beber as suas pingas!...

Agua da Mina

Adega do Saloio

Descobriu-se á ultima hora Que o **Lachado Padre Mattos** Se fazia espalhafatos E, coitado se atachava. Era que vinha, Provar dois cá da pinguinha Mas tão gostosa a achava Que nunca mais a largava!

Campo Pequeno na Feira

Se o Paiva Conceiro chega A entrar na **Lisbã** amada Bebe dois para a soega Nesta casa consagrada. E conquistado p'la pinga Segundo dizem e é voz publica, Fica manso, nem respinga, E adhere logo á Republica!

Nova Barraca de Farturas

Fadistas, sacristas, priores e curas, Actores, cantores, e tipos do verso, So lá é que vão comer as farturas Como outrás não ha em todo o universo!

Moraes do Padre Antonio

E' no Moraes do Padre Antonio Que a freguezia Encontra um vinho do demonio Doce magia Ai, tão catita, divina, Entre as coisas divinas Que não faz mal Nem que a gente beba um caseo Ou beba mais!

Barraca Arganilense

O Baptista das farturas Participa á **Lisboá** inteira Que tambem vende doguras Lá na **Praça da Figueira**, Fica pois a população Seiente desta maneira: De manhã é lá na praça A' noitinha é cá na Feira.

Georgina de Oliveira

Proximo ao **Circo Russo**

E' esta a unica carroira de Tiro onde se encontra a diversão do **Tiro aos pombos**. Grandiosa variedade de alvos fixos e moveis.

Vicente da Porcalhota

(Successores)

A primeira casa da feira, situada na R. Principal, logo á entrada. Grande numero de surpresas.

Theatradas

E' para darmos uma bella noticia ao publico que pegamos no aparo, porque eserevamos sem caneta com um aparo enorme, de reclame, e é ella que o nosso prezado amigo Antonio Santos, empresario do **Colyseu dos Recreios**, resolveu que a brilhantissima companhia de Opera-ta Città di Firenze dêsse mais uma série de recitas, adiando ipso facto a sua partida para o Porto, onde sem duvida irá causar estrondoso successo.

Estas ultimas recitas serão magnificamente bellas como as demais, pois que na referida companhia todos os elementos se juntam de forma que resulta um conjunto surpreendente.

O scenario é sempre requissimo, a partitura escriptulosamente respeitada, a orchestra afinadissima, e os artistas representam de forma admiravel, havendo entre elles alguns cujos recursos vocaes os collocam no elenco de companhias de operas e não de operetas, como Bianca Banguoli, Nelly Castagnetta, etc.

Por tudo isto, ainda acrecendo de um guarda-roupa luxuosissimo, o **Colyseu dos Recreios** tem sempre enchentes que se prolongam até á noite de despedida da tão apreciada companhia.

Mas não é só esta tão agradável noticia que hoje temos para dar aos nossos leitores.

Não sabemos se já ouviram dizer que a revista **«Ventas de Patrulhas»**, peça do **Theatro da Trindade**, tem muita originalidade e graça, acrecendo esta não ser porographica, o que faz com que dentro em pouco não haja uma me-

nina Soiza ou Pires, que não se tenha bornado mais de uma noite para ir á **Trindade**.

A antiga **«Revista de Cupidos»**, ampliada e crismada em **«Crise de Amors»**, vae agora á scena pela companhia do Apollo no **Theatro da Republica**, e se antigamente fez successo, agora deve fazer um successo.

O popular **Theatro da Rua dos Condes** vae reabrir e inaugurará a epocha com a revista **«Vá p'la esquerda»**, de que nos dizem maravilhas. Tambem em breve reabre o **Grande Salão Foz** sobre a direcção artistica do nos-o Ex.^{mo} amigo Eduardo Custodio, que tem trazido ao palco d'aquelle salão o que lá fora ha de melhor em variedades. A sala soffreu grandes melhoramento, comportando agora 800 logares. Além d'isto temos—(não fallando na mulher electrica que se exhibe na feira) uma engraçada companhia de petizes no **Theatro infantil do Rocio**; a chistosa revista **«Zig-Zag»** no **Chalet Julia Mendes** a dar enchentes sobre enchentes, e no **Chalet Avenida** a **«Sombra do Herodes»** e **«Agnas de Bacalhau»** a que não falta publico. No **Salão Central** as fitas continuam sendo de sensação; o **Salão da Trindade** não cessá de dar estreas consecutivas, assim como o **Chiac-Terrasse** que ás terças e sextas lá lem sessões de... pequenamente.

As **Olympia** a colonia brasileira ocorre em peso á sexta feira e no **Cine-Paris** ás terças feiras a sociedade elegante faz-se representar em grande numero. Tambem o **Chante-cler-Chalet** e **Circo Russo** são muito frequentados por quem vae á feira e se quer divertir muito gastando pouco. Aquelle, um excellent animatographo fallado e neste apresentação de animaes amestrados. Vamos finalizar, que o **Estevam** já está escamadisimo da costa, mas não queremos deixar de agradecer á empresa do **Cine-Palain** a sua extrema gentileza em negar as entradas solicitadas por um nosso collega de redacção que se apresentou na bilheteira com a requisição, devidamente autenticada. Sempre julgamos que tratavamos com gente sem educação, mas agora vemos que nos enganavamos. Queira a referida empresa desculpar-nos a «nossa galleguice», sim? Agradeço-lhe o

ZÉ PIMENTA

Estante cá de casa

«A Garra» — supplemento d'A **«Satira»** sob a direcção artistica de Joaquim Guerreiro.

Recebemos a visita do 2.^o numero deste distincto semanario humoristico que publica cinco distinctas paginas de caricaturas do distincto caricaturista sr. Joaquim Guerreiro.

O **«Zé»** saudá o collega, agradece a referencia, e retribuirá a visita, esperando que em breve possa tomar chá com a sr.^a D. **«Satira»** n.º 5, já que se não realiza a segunda conferencia em familia.

Contos rapidos

—Hoje tem de ser Joaninha!... Com trinta e duas lições e ainda não executas a **Maria da Fonte!**...

—Eu sei, primo Alberto. Mas não faço gosto, porque não gosto do instrumento. De que serve a uma senhora saber tocar flauta? Já viu alguma, tocando a n'uma sala? Não viu!... Já vê que não encontro conveniencia alguma em aprender a tocar.

—Nem eu queria ver a prima a tocar flauta n'uma sala!... Agora nas nossas reuniões particulares, nos «chás» de familia...

—Não insista. Decididamente, eu não quero aprender. Faça a vontade á mamã, e quieto o meu espirito...

—Mas eu supplico lhe... Toque... Só a **Maria da Fonte**... vá...

E deu-lhe um prolongado beijo nos labios.

Então, **Joaninha**, vencida, resignada, empunhou a flauta, e tocou.

LITRAS.

ACABA DE SAIR:

Homenagem ao

Em esplendido papel couchet—Preço 60 réis.

PRESIDENTE DA REPUBLICA

Dr. Manuel d'Arriaga

O que os bons monarchicos cumpriram



Vender a patria ao estrangeiro, fazer bréjeirices com a Dona Bispa e cravar a Republica.